

Língua entre fronteiras

por Caetano Imbo
Escritor e artista plástico

As línguas são fronteiras entre oceanos, florestas, povos e seus costumes.

Tenho a língua como substância viva, usada em diversos espaços e tempo. A qual permite novas inserções e acompanha a mudança da sociedade a cada momento em que se entra em contato.

Falar da língua portuguesa ¹ é falar de uma posição além fronteira da lusofonia.

Sendo a quinta língua mais falada no planeta, a língua portuguesa tem no seu bojo uma gama requintada de ensaios culturais e saberes. Falo isso trazendo para o ambiente e o espaço físico em que se enquadra, no caso dos povos, das músicas, poesias e outras formas de expressões culturais num conjunto de preciosidades, não só de falas e gírias populares, em um encontro entre o coloquial com o formal. O quadrante de expansão de formas variadas dos países das ex-colônias portuguesas que adotaram a língua lusa como oficial.

A minha primeira língua é Balanta, que chamo de língua de afeto, e posteriormente Kriolo como língua de convívio sendo esta a segunda. A minha terceira língua, o português ², tenho como língua de namoro. Numa sinfonia de exercícios e dos saberes, experiências, entre sabores e aromas. Assim das melodias, entre aceitação e compreen-

são do outrem é onde me encontro no dia a dia entre familiares, amigos e daqueles prazerosos encontros que o destino envolve no cotidiano.

Ter hoje a língua portuguesa como língua de fala vai além do falar corriqueiro do dia a dia. Para mim, é questão de trincheira, não só pela conquista da língua do colono, mas também pela abrangência de fatores culturais e fora do meu contexto de conforto, que é a minha língua materna Balanta, ao envolver amizade, amor, sabores e dissabores.

É o que temos em comum, a língua do amor e dos abraços. Língua Balanta como língua raiz do afeto e Kriolo como língua envolvente que me socializa.

A escrita é de onde viajo para esferas além-fronteiras da língua. O espelho no qual posso me ver, ou não essa de namoro que não termina logo ali, envolve o amor de esposo e esposa, de pai para filho ou vice e versa, de gente rodeada no movimento da língua companheira que também envolve o manejo ancestral do amor.

O lugar da língua portuguesa deveria ser o de oferecer intercâmbios efetivos com possibilidade de dar existência à essência dos países que têm a língua lusitana como estandarte da apresentação (língua oficial) e/ou de aparição para o mundo.

A língua não somente como ferramenta política, mas sim como amuleto de inclusão das sociedades pertencentes ao quadrante lusófono.

Só assim conseguiremos atingir, aglutinar as nossas fronteiras com algum percentual daquilo que não é meramente colonial e assim trazer o espírito de irmandade no seio de das nossas fronteiras linguísticas e sociais.

¹ “Na área vastíssima e descontínua em que é falado, o português apresenta-se, como qualquer língua viva, internamente diferenciado em variedades que divergem de maneira mais ou menos acentuada quanto à pronúncia, à gramática e ao vocabulário” Celso Cunha e Lindley Cintra, Nova Gramática do Português Contemporâneo – 3ª edição revista.

² O português é o quinto idioma mais falado mundo – mais de 260 milhões de pessoas utilizam como língua principal para se comunicarem. Entre os países que o tem como idioma oficial, citamos o Brasil, Portugal, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Macau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Timor Leste e Guiné Equatorial. Fonte: Infoescola,

No entanto, sabendo que cada um de nós teve, em parte, uma educação familiar sólida, também do grupo de pertencimento. O que não basta somente, porém temos a educação que outrora não era permitida o aprofundamento da educação formal aos guineenses, moçambicanos, angolanos, caboverdianos e são-tomenses que estavam sob o jugo colonial português. No entanto, hoje temos com alguns percalços uma educação formal. Por outro lado, com apropriação da ferramenta da escrita, registramos o nosso cotidiano, nossas manifestações culturais, nossos saberes ancestrais, a senda dos povos implicando no nosso dia a dia literário e científico.

Segundo Giselda Brioto Silva ³ a

Era do conhecimento geral que uma educação para as massas indígenas, dentro das propostas dos missionários, teóricos e administradores da colonização portuguesa, alertavam para os seus limites de uma formação pautada numa concepção religiosa de base cristã, no sentido da pacificação e, principalmente, para seus usos no trabalho.

Ainda que seja difícil ter um posicionamento coerente entre o que sou, aquilo que não sou e o que quero ser. Há sempre nesse movimento de querer e não querer falar a língua do colonizador, no que se refere à imposição da língua portuguesa nos países colonizados.

As características dos povos e suas línguas locais foram imprescindíveis para a demarcação das diferenças entre a literatura dos países africanos de língua portuguesa e aquela oriunda da civilização europeia, dando mais requinte a nossa diáspora linguística.

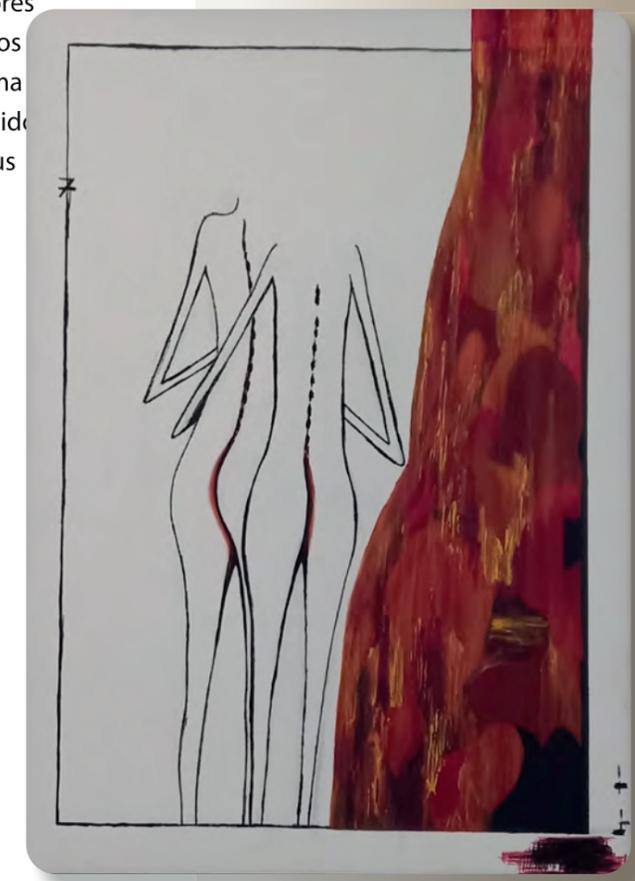
Podemos pensar nos movimentos literários importantes que surgiram nos países Africanos das ex-colônias portuguesa, onde o exercício da literatura

³ Giselda Brito Silva - A Educação Colonial do Império Português em África (1850-1950), em **Cadernos do Tempo Presente** – ISSN: 2179-2143 (Grupo de estudos do Tempo Presente)

nem sempre foi escrito, tampouco em língua portuguesa como língua primeira, por exemplo: a revista **Claridade Cabo Verde** (1936/1960; publicação de livro de poemas **Ilha de nome santo** (1942, de Francisco José Tenreiro; **Movimento “Vamos descobrir Angola”** (1948) assim como da publicação da revista **Mensagem** (1951-1952); a publicação da revista **Msaho** (1952) Moçambique e a publicação da antologia poética **Mantinhas para quem luta!** (1977) pelo Conselho Nacional de Cultura em Guiné-Bissau.

Trago esse exemplo agora para pensarmos em como aproveitar essas habilidades singulares nesses territórios para o bem das nossas relações interoceânicas e interculturais, entre nossos povos, para um movimento de intercâmbio pleno em nossas vidas.

O que demonstra particularidades entre os povos o ser social dos diferentes países, suas culturas lin-



Afago – Caetano Imbo, São Paulo.
50x70 cm – Óleo e caneta sobre tela, 2019.

guísticas num contexto de conflitos e resistências, fizeram diferença que perpassou até nossos dias. É a maneira que quero continuar dançando entre culturas, seja ela africana ou não, para aglutinar energias para melhorar a nossa forma de existir como seres linguageiros. Assim sendo, quero sempre carregar comigo a melhor maneira de cultivar no dia a dia, o espírito que abrange uma gama de sabores, amizades, sotaques, gosto e maneiras de ser de cada um de nós.

A profunda e bela experiência que tive e continuo tendo com os meus colegas dos tempos de graduação e professores que se engajaram em minha formação, um envolvimento profundo inserido no contexto acadêmico e social brasileiro, fez toda diferença na minha vida hoje como residente no Brasil, as duas casas das quais passei na Universidade de São Paulo; a Faculdade de Letras e Ciências

Humanas e Faculdade da Educação, lançaram-me Brasil adentro, profundo e interiorano.

Às vezes, bate a solidão por não estar em ambiente onde posso falar Balanta, Kriolo e escutar outras línguas da Guiné-Bissau o tempo todo. O meu recurso de consolo é a música e as *lives* dos meus conterrâneos nas mídias sociais, o que me transporta de volta às raízes. Nesse contexto, migrar também é de certa forma angariar experiências que nos moldam para a vida do intercâmbio cultural.

Referências:

<https://www.infoescola.com/portugues/>
<https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:P6P1fyVh2jUJ:https://seer.ufs.br/index.php/tempo/article/view/4602/3805+%&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>



Árvore da vida II – Irley Barbosa Rivera.
Tecido e tinta sobre tela, 2020.



Árvore da vida I – Irley Barbosa Rivera.
Tecido e tinta sobre tela, 2020.

Portugal em aquarela

Cores e paisagens portuguesas inspirando poetas e sonhadores.
A poesia liberta na mente dos escritores que ousam sonhar.



Ilustrações: www.freepik.com